

Cristina Guimarães  
relê o cancionero  
de Luiz Melodia

PÁGINA 3



Confira os maiores  
achados cinéfilos  
do Bafici 2025

PÁGINAS 4 E 5



A natureza  
sob o olhar de  
Patrícia Fairon

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

# As (novas) maravilhas de Bibi Ferreira

Atriz e cantora, Bibi Ferreira sonhava em ser pianista e compôs algumas peças ao instrumento na juventude

Filha da atriz e cantora, morta em 2019, encontra 28 partituras inéditas deixadas pela mãe

Por **Eduardo Moura** (Folhapress)

**A** filha da atriz Bibi Ferreira, Thina, encontrou 28 partituras inéditas da mãe. A composição mais antiga foi criada quando a artista tinha apenas dez anos de idade. Os ritmos passam pelo foxtrote até

o bolero, passando por blues e toada.

Thina conta que encontrou o material durante uma mudança de casa. Dentro de uma caixa, havia uma pasta com uma etiqueta em se lia “maravilhas da Bibi”, que teria sido organizada pela mãe de Bibi, a bailarina Aída Izquierdo.

Bibi também escreveu alguns concertos, com partituras para diversos instrumentos, como piano, clarinete, saxofone, baixo, entre outros.

Segundo Thina, a grande paixão de Bibi era o piano. “Ela queria ser pianista concertista”, conta.

Os próximos passos, explica a filha, envolvem a digitalização e catalogação do material. Ela ainda pretende encontrar letristas para algumas das composições que não têm letras. Posteriormente, elas

devem ser gravadas.

Muitas das composições até tinham letra, mas só estavam registradas na cabeça de Bibi, não no papel, explica Thina, que está trabalhando na organização do acervo da mãe, com o intuito de criar um museu sobre a vida da artista. Segundo ela, são cerca de 23 mil itens sendo organizados, digitalizados e catalogados.

Por enquanto, as 28 partituras não devem entrar no acervo do museu. “Porque eu acho que elas têm de ser ouvidas antes”, diz Thina.

A atriz e cantora Bibi Ferreira morreu em 2019, no Rio, após sofrer uma parada cardíaca, aos 96 anos. O nome de Bibi, nascida em junho de 1922 no Rio, era Abigail Izquierdo Ferreira.

Defensora do teatro como ofício, a exi-

gir dedicação e técnica, Bibi se orgulhava da voz, que lhe permitia ser ouvida por toda a sala, sem microfone, nos maiores teatros. Os espetáculos que mais marcaram a sua trajetória foram todos musicais.

Ela passou a priorizar o gênero na década de 1960. Um dos espetáculos que trouxe de Nova York foi “My Fair Lady”, em 1962, junto com Paulo Autran, ator que voltaria a dividir o palco com ela no musical “O Homem de La Mancha”, de 1972.

Admiradora da Broadway, ela defendia com persistência o teatro brasileiro. Um de seus últimos projetos, que não conseguiu viabilizar, foi um espetáculo de revista com orquestra, coristas e luxo, para uma geração que só conhece musical americano, hoje.

# Bossa Nova com **sotaque coreano**

Cantora Yumi Park leva seu lirismo e sofisticação ao palco do Blue Note Rio

Por **Affonso Nunes**

**A** cantora Yumi Park apresenta-se no Blue Note Rio nesta quarta-feira (16), às 20h, com o espetáculo “Bossa Nova Experience”, que reúne clássicos do gênero e releituras de canções de grandes nomes da música brasileira. Ao lado de um trio de músicos experientes, Yumi celebra a elegância e a delicadeza da bossa nova em uma noite que promete ser memorável.

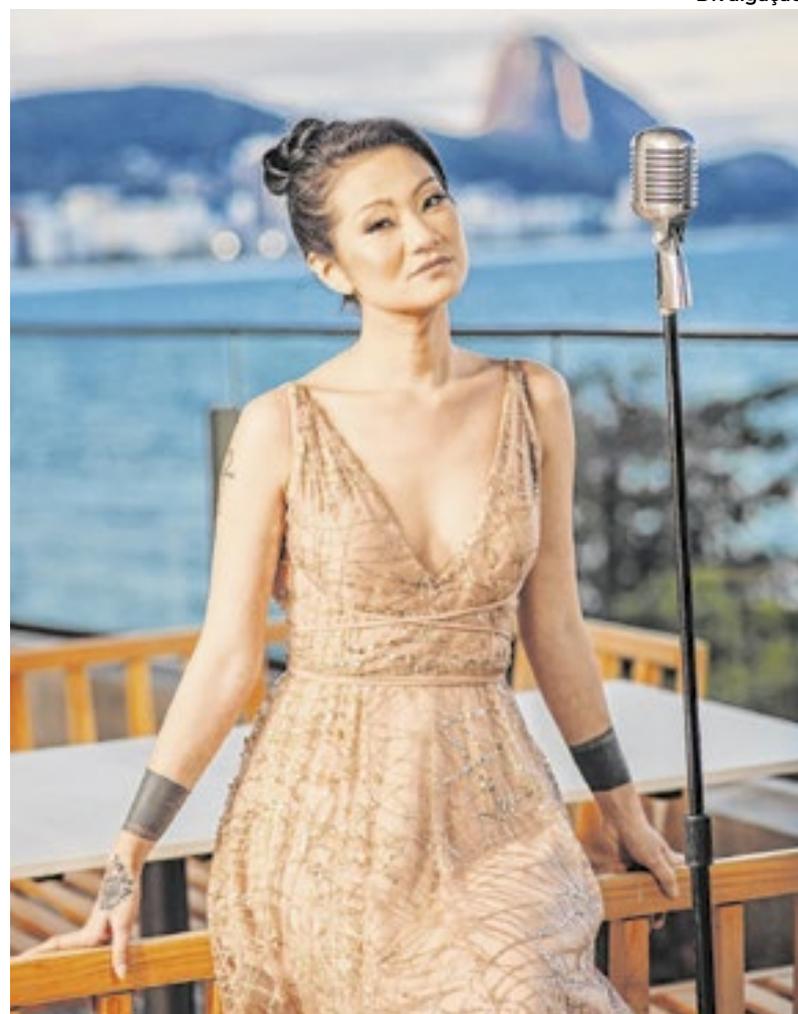
Filha de imigrantes coreanos e criada no Brasil, a cantora construiu sua trajetória artística inspirada pela sonoridade suave da bossa nova e pelas influências do

jazz. Com uma voz delicada e interpretação precisa, ela tem se destacado por sua capacidade de imprimir emoção e frescor a canções consagradas, conquistando espaço em palcos nacionais e internacionais.

Com arranjos assinados por Renan Francioni, o repertório inclui composições de Chico Buarque, Vinicius de Moraes e Edu Lobo, entre outros, valorizando nuances melódicas e harmônicas que caracterizam o estilo. Acompanhada por Francioni no piano, Pedro Aune no contrabaixo e Helbe Machado na bateria, Yumi dá voz a um conjunto de canções marcadas pelo lirismo e pela sofisticação.

## SERVIÇO

YUMI PARK - BOSSA NOVA EXPERIENCE  
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)  
16/4, às 20h  
Ingressos a partir de R\$ 60



Divulgação

*Yumi Park transita entre a Bossa Nova e o jazz*

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

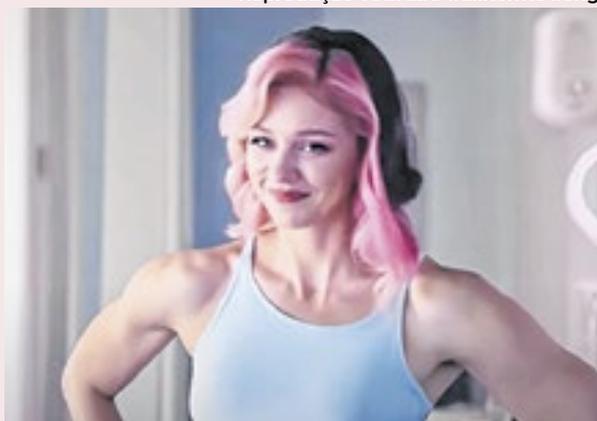
### Em modo acústico

O grupo Alma Djem lança nesta quinta-feira (17) o EP “Liberdade”, segunda parte do projeto “Acústico em São Paulo”, gravado em julho de 2024. O trabalho reforça o diálogo entre diferentes vertentes da música brasileira e presta homenagem ao bairro paulistano da Liberdade, um símbolo da diversidade cultural. Entre regravações e parcerias, o EP reúne o grupo Atitude 67 na faixa “Brisa e Mar”, a banda Adão Negro em “Minha Voz” e o rapper Fábio Brazza em “Onda Maya”, uma celebração à trajetória da surfista Maya Gabeira.

Marcos Hermes/Divulgação



Reprodução YouTube Guilherme Song



### Os efeitos da vaidade

Guilherme Song acaba de lançar no YouTube o clipe do single, “Reflexos na Academia”, com interpretação de Marianna Soter. A produção aposta em uma linguagem visual híbrida, desenvolvida com o uso de inteligência artificial, para explorar os efeitos da vaidade e da busca pela perfeição física. A narrativa acompanha personagens mergulhados em um ciclo de aparências e frustrações, presos a padrões estéticos e à necessidade constante de validação. O clipe usa ferramentas de IA para criar cenários conceituais, transições distorcidas e imagens que oscilam entre o real e o grotesco.

Lidiane Bittencourt/Divulgação



### Punk de raiz

A banda Chucky Ramyrez e os Traidores do Movimento lança o EP “Pequena Punk”. O trabalho se soma a uma discografia combativa que inclui “Amor, Protesto e Spray de Pimenta” (2020) e “Ao Vivo no Viradão Cultural Suburbano 2.2” (2021). Chucky iniciou sua trajetória nos anos 1990 como vocalista da Lapidicore e passou por bandas como Sheet e Piquê Distorcida, onde compôs o hino underground “Sem Cabelo, Sem Cabeça”. Em 1997, fundou a Ramyrez — depois rebatizada Ramyrez 77 — com influências do punk 77 e bubblegum.

Cristina Guimarães mergulha na obra de Luiz Melodia em 'Presente & Cotidiano'

Por Affonso Nunes

**A** cantora paulistana Cristina Guimarães revisita a obra de Luiz Melodia no recém-lançado álbum "Presente & Cotidiano", disponível nas plataformas digitais. O projeto vai além da homenagem. Ao interpretar um repertório que combina clássicos e canções menos conhecidas, Cristina reafirma a vitalidade da obra do compositor carioca e imprime sua marca pessoal nas releituras.

Com arranjos assinados por André Bedurê, também responsável pela produção musical, o disco reúne faixas como "Magrelinha", "Estácio, Eu e Você" e "Retrato do Artista Quando Coisa", esta última abrindo o álbum em interpretação à capela. O repertório valoriza canções menos óbvias da trajetória de Melodia, como "Começar pelo Recomeço", "Giros de Sonho", "Dias de Esperança" e "Feras que Virão", além de joias pouco difundidas como "Um Toque", "O Sangue Não Nega" e a que dá nome ao disco, "Presente Cotidiano".

As participações especiais de Cida Moreira e Zeca Baleiro enriquecem este sensível e emocionado trabalho. Baleiro divide com Cristina os vocais em "Giros de Sonho", enquanto Cida aparece em "Feras que Virão", faixa que ecoa estéticas de Walter Franco (1945-2019) e Itamar Assumpção (1949-2003), mentes musicais tão geniais quanto a do carioca morto em 2017.

A produção destaca a fusão entre lirismo e ousadia rítmica, com soluções criativas como o arranjo em clima flamenco para "Dias de Esperança", originalmente com estrutura de valsa.



*Cristina Guimarães sobre o álbum: 'Este é realmente um sonho realizado. Queria um disco que transitasse pelas ondas e nuances da música e da poesia de Luiz Melodia, algo delicado e intenso ao mesmo tempo'*

## Uma voz periférica e universal

Divulgação

Luiz Melodia (1951-2017) é considerado um dos mais importantes nomes da música popular brasileira, cuja obra transcendeu as fronteiras de um gênero para se tornar um legado artístico repleto de originalidade e emoção. Cria do Morro do Estácio, foi estrela ascendente da MPB das décadas de 1970 e 1980 com uma obra singular marcada por uma fusão (então) inovadora de samba, bossa nova, jazz e música afro-brasileira. Álbuns como "Pérola Negra" (1973), "Maria Madalena" (1975) e "Luz das Estrelas" (1990) são marcos na história da MPB.

Além do genial compositor, Melodia era dono de voz inconfundível e um estilo particular. Da complexi-



Além de Bedurê, que também toca baixo, violão de nylon e faz vocais, o disco conta com Rovilson Pascoal (guitarra, cavaquinho e violões) e Gustavo Souza (bateria

e percussão). O violoncelista Jonas Moncaio participa como convidado. Bedurê valoriza a contribuição individual dos músicos na construção do álbum. "Os arranjos foram

concebidos por mim, mas o resultado final carrega a assinatura de cada integrante", afirma.

Cristina, que já lançou um EP e quatro singles, revela que o desejo de

gravar um álbum dedicado a Luiz Melodia vinha sendo amadurecido há muito tempo. "Este é realmente um sonho realizado. Queria um disco que transitasse pelas ondas e nuances da música e da poesia de Melodia. O resultado me agrada profundamente. É delicado e intenso ao mesmo tempo", diz.

A cantora destaca a força poética da obra de Melodia, especialmente em versos como os de "Magrelinha", que menciona em sua fala com emoção. Segundo ela, cantar essas músicas é uma forma de reviver o impacto que a obra do compositor sempre exerceu sobre sua trajetória artística.

"Presente & Cotidiano" encerra com a faixa-título, numa interpretação que sintetiza o espírito do álbum. Com harmonia envolvente e ritmo solto, Cristina entrega uma leitura que reflete a beleza, a complexidade e o lirismo do cotidiano, temas tão presentes na obra de Luiz Melodia. Ao dar voz ao eterno compositor do Estácio, a intérprete confirma sua vocação de transitar com elegância entre afeto, ousadia e reverência.

# Alfajores cinéfilos

Ao fim de uma maratona de 13 dias, o Festival de Buenos Aires, o Bafici, consagra as novas vozes autorais da Argentina e joga holofotes sobre experimentos narrativos estrangeiros

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã



Após a goleada do Paraguai nos gramados cinéfilos portenhos, com a vitória de “Sob as Bandeiras, O Sol”, de Juanjo Pereira, no 26º Festival de Cinema de Buenos Aires, o evento, consagrado pelo nome de Bafici, encerra suas atividades apontando uma série de joias audiovisuais para a cinefilia da América do Sul. Algumas são prata da casa, ou seja, atrações da pátria natal de Ricardo Darín, como o divertido “El Banner”, com Marcelo Subiotto. Outras das pérolas da programação organizada sob a direção artística de Javier Porta Fouz vieram de terras distantes.

“Levados Pelas Marés”, do chinês Jia Zhangke, laureado com o Prêmio da Crítica na Mostra de São Paulo, foi um deles. “Estou no Bafici desde 2001, tendo passado por diversas funções, e vejo que o festival é um lugar onde cineastas querem estar, pelo prestígio que alcançamos, refletido na quantidade de inscrições que tiveram. Cerca de 3,9 mil filmes se inscreveram e entraram 300, de várias origens”, diz Porta Fouz ao Correio. “O cinema que temos na Argentina hoje é potente e tem muita variedade, apesar dos problemas políticos que temos”.

Exibido no Rio e em São Paulo no É Tudo Verdade, “Sob As Bandeiras, o Sol” (no original “Bajo Las Banderas, El Sol”) deixa o Bafici coroado por sua excelência de linguagem. É a produção paraguaia de maior êxito em maratonas cinéfilas estrangeiras depois da consagração de “As Herdeiras” (2018). Esse documentário é um mosaico de exuberante montagem. Sua estrutura formal é uma reação a recordações latinas de 1989,



**Bajo las Banderas, El Sol**

ano da queda da ditadura de 35 anos de Alfredo Stroessner. Sua saída do Poder marcou o fim de um dos regimes autoritários mais duradouros do mundo. Isso também levou ao abandono dos arquivos audiovisuais que haviam consolidado seu comando. Esse material, criado para moldar uma identidade nacional e celebrar um regime de direita, foi deixado para desaparecer da memória. Juanjo esforçou-se para evitar esse destino.

Com base na premiação do Bafici e no burburinho das plateias do festival, o Correio preparou uma lista dos títulos que mais (e melhor) garantiram êxito à empreitada de Porta Fouz, no empenho de dar à Argentina de Javier Milei uma maratona de coragem.

## **LA VIRGEN DE LA TOSQUERA, de Laura Casabé (Argentina):**

Num casamento preciso entre crítica social e dispositivos pop das cartilhas do terror, este thriller sobre o clamor do sexo na ado-

lescência foi laureado com o Grande Prêmio da competição nacional do Bafici. Na trama, Natalia, Mariela e Josefina são amigas inseparáveis, loucamente apaixonadas por Diego, um amigo de infância. No conturbado verão de 2001, em meio a crises econômicas em terras portenhas (e seus arredores), Silvia, uma moça já adulta, junta-se ao grupo e cativa o rapaz. Desolada, Natalia põe em prática heranças místicas de sua avó, envolvendo feitiços... e cães ferozes. O realizador Benjamín Naishtat (de “Vermelho Sol” e “Puan”) colaborou com Laura e escreveu o roteiro.

## **PAYING FOR IT, de Sook-Yin Lee (Canadá):**

A genial atriz de “Shortbus” (2006) se estabelece como diretora, filme a filme, consagrando sua verve autoral com esta adaptação da graphic novel “Pagando Por Sexo”, de Chester Brown. Nos anos 1990, o próprio Chester (vivido por Dan Beirne) e Sonny (Emily Lê) vivem um na-

Divulgação



**Paying For It**

Guillermo Gaza/Divulgação



**O Último Azul**

Divulgação



**Minha Mãe é uma Vaca**

moro nas raías do casamento, assombrados pelo tédio. Quando ela decide redefinir a vida, com a proposta de um relacionamento aberto (onde pode transar com os homens que deseja), ele passa a sair com profissionais do sexo e descobre uma nova (e picante) forma de intimidade. Sook-Yin dirige com elegância uma história sobre amor, sexo e não-monogamia que discute a prostituição com lirismo.

## **TODAS LAS FUERZAS, de Luciana Piantanida (Argentina/Peru):**

Um componente de fantasia dá um colorido inusitado a esta trama de mistério salpicada de discussões de classe. A tensa montagem de Lorena Moriconi torna eletrizante a investigação conduzida pela cuidadora Marlene (Celia Santos) num contexto social de pobreza. Ela mora na casa da idosa de quem cuida. Quando sua amiga desaparece, Marlene foge à noite para investigar seu paradeiro. Pistas a levam a um

Divulgação

**Una Quinta Portuguesa**

Divulgação

**Lump**

Divulgação

**Tom's 2nd Suicide**

Melusine Productions

**Slocum et Moi**

Divulgação

**Pai Nosso - Os Últimos Dias de Salazar**

Divulgação

**La Virgen de La Tosquera**

Julie Delpy/Divulgação

**Les Barbares**

ambiente de trabalho suspeito, onde conhece outras mulheres que, como ela, desenvolveram superpoderes dignos dos X-Men.

### **UNA QUINTA PORTUGUESA, de Avelina Prat (Espanha):**

Atuações comoventes de Manolo Solo e Maria de Medeiros asseguram lirismo a esta narrativa de delicados enquadramentos da diretora de "Vasil" (2022). A fotografia dionisíaca de Santiago Racaj aquece o clima deste enredo sobre recomeços. Nele, Fernando, um pacato professor de geografia, caiu num abismo sentimental após o desaparecimento de sua mulher. Sem rumo na vida, ele assume uma nova identidade e passa a trabalhar como jardineiro em uma vila portuguesa, onde faz uma amizade inesperada com o proprietário e entra em um mundo que não lhe pertence.

### **MINHA MÃE É UMA VACA, de Moara Passoni (Brasil):**

ção vencedora do prêmio de Melhor Curta da seleção internacional do Bafici. Escrito por Fernanda Frotté em duo com sua realizadora, o filme vem arrebatando olhares pelo mundo afora desde o Festival de Veneza pela direção de arte de Isabel Azevedo e pela fotografia de Carolina Costa. Em sua trama, a jovem Mia espera notícias do paradeiro da mãe. Longe da proteção materna, a menina é deixada aos cuidados da tia, imersa na paisagem mítica do Pantanal. Sob a ameaça de onças e queimadas, ela descobre que o amor pode se manifestar de maneiras inesperadas.

### **TOM'S 2ND SUICIDE, de Karni Haneman (Israel):**

Bem calçado na engenharia sonora de Ronen Nagel, este drama flerta com a finitude para celebrar a vontade de viver, amparado por um trabalho plural de sua realizadora, responsável também pelo roteiro e pela montagem. A ação se passa em 9 de março, o dia da tentativa anual de

suicídio de Tom (papel da própria diretora). É também o momento em que Kobi (Adam Avidan) precisa enfrentar más notícias. O destino e um carro quebrado forçam os dois a embarcar em uma jornada surreal, com o objetivo de acabar com a vida de Tom.

### **O ÚLTIMO AZUL, de Gabriel Mascaro (Brasil):**

Respeitado por "Boi Neon" (2015) e "Divino Amor" (2019), o diretor pernambucano ganhou o Grande Prêmio do Júri da Berlinale ao criar uma distopia contra o etarismo, apoiado no talento de Denise Weinberg e Rodrigo Santoro. Numa atuação estonteante, Denise vive a septuagenária funcionária de um curtume de jacarés, na Amazônia, que se vê forçada a viver numa espécie de campo de concentração para cabeças grisalhas. A recusa de ser isolada num retiro obrigatório a impulsiona por uma jornada rio acima. A produção ganhou ainda a láurea do Júri Ecumênico de Berlim.

### **LUMP, de Alexandre Rockwell (EUA):**

Parceiro de Quentin Tarantino no esquecido "Grande Hotel" (1995), famoso na seara indie da década de 1990 por "Alguém Para Amar" (1994), o realizador de "Sweet Thing" (2020) surpreende na seara do humor com esta comédia P&B com foco nos desvalidos da América do fim da Era Biden. Seu protagonista é o abilolado detetive particular Ralph (Steven Randazzo). Sofrendo com o luto por uma perda pessoal, ele descobre um estranho caroço em seu corpo ao mesmo tempo que trava parceria profissional com um aspirante a cantor, Xavier (Joecar Hanna). Juntos, os dois embarcam em casos de solução bem improvável.

### **SLOCUM ET MOI, de Jean-François Laguionie (França):**

Um dos exercícios autorais de maior lirismo do animador por trás de "Louise En Hiver" (2016) e "A Viagem do Príncipe" (2019). A trama se passa no início dos anos 1950, às margens do Marne. Nessa ocasião, François, um garoto de 11 anos, descobre que seus pais estão construindo um barco no jardim da família, uma réplica de um famoso veleiro. O processo de construção da embarcação, visto pelo olhar de uma criança, abre deixo para o veteraníssimo cineasta (nascido em 1939) criar um painel das desilusões de sua geração.

### **PAI NOSSO – OS ÚLTIMOS DIAS DE SALAZAR, de José Filipe Costa (Portugal):**

Num exercício de sutileza, o diretor do crocante "Prazer, Camaradas!" (2019) se embrenha pela ficção a fim de narrar o calvário do líder luso António de Oliveira Salazar (1889-1970), com Jorge Mota no papel do estadista. Existe sátira no engenho dramaturgicamente do roteiro escrito pelo cineasta com Letícia Simões e Daniel Tavares, numa reconstituição dos delírios salazaristas na reta final de sua vida, já distante do Poder.

### **LES BARBARES, de Julie Delpy (França):**

Mais recente exercício de direção da estrela de "A Igualdade É Branca" (1994) e "Antes do Amanhecer" (1995). A produção ironiza o bom-mocismo da política assistencial da Europa. No enredo, os cidadãos da Bretanha decidiram por unanimidade aceitar refugiados ucranianos em troca de subsídios do governo. No entanto, em vez de ver receber uma leva de imigrantes da Ucrânia, a prefeitura local acolhe (por engano) imigrantes sírios, o que causa uma série de conflitos ligados a práticas de xenofobia. Delpy faz parte do colossal elenco, ao lado de Sandrine Kiberlain e Laurent Lafitte.

# A anatomia de um homem comum

Renato Mangolin/Divulgação

Álvaro Menezes estrela o solo 'Cobras, Lagartos e Minhocas' no CCBB

**O**s episódios mais insólitos da vida de um homem — da infância ao fim do casamento — dão vida ao espetáculo "Cobras, Lagartos e Minhocas", em cartaz no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil. Idealizado, escrito e interpretado por Álvaro Menezes, com direção de Cesar Augusto, o solo cumpre temporada até segunda-feira (21).

A peça salta entre décadas, afetos e estilos, do drama à comédia, dos anos 1960 aos 2000. No centro, está a trajetória de um homem em busca de pertencimento e de sua verdadeira identidade. O que poderia parecer apenas uma narrativa pessoal, ganha camadas



'Cobras, Lagartos e Minhocas' tem texto e atuação de Álvaro Menezes

de reflexão ao evocar memórias que dialogam com a experiência coletiva — sobretudo em uma sociedade atravessada por normas patriarcais.

Com cenas que funcionam como ritos de passagem, o espetáculo percorre as tensões da

juventude e os traumas da infância, em que convivem, lado a lado, a heteronormatividade imposta — as namoradas, o casamento, os filhos — e a expansão do desejo, os silêncios sobre abusos, as violências sofridas e as marcas que reverberam até a vida adulta.

## Heroísmo invisível

O premiado 'Jornada de um Herói' inicia temporada no CCJF

Com reconhecimento em importantes premiações, como o Prêmio Shell e o APTR, e mais de 2 mil espectadores ao longo de cinco anos de trajetória, "A Jornada de um Herói" entra em clima de despedida e celebração. O espetáculo da Baixada Fluminense, que chegou a alcançar voo internacional ao se apresentar na China, entra em cartaz no Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), no centro do Rio, nesta semana e segue com apresentações às terças e quartas-feiras até o dia 29.

Idealizado pela Companhia Atores da Fábrica, o espetáculo levou para os palcos questões urgentes como racismo estrutural, precarização do trabalho e desigualdades sociais, ocupando teatros em diferentes bairros do Rio, outros estados e até em outro continente, se apresentando presencialmente em



Josélia Frasso/Divulgação

dois prestigiados festivais na China. Alexandre O. Gomes, diretor e idealizador do espetáculo, destaca que este foi um feito histórico para o teatro periférico brasileiro. "Apresentar a peça na China foi uma sensação de dever cumprido. Cada um de nós que estava lá carregava e representava um grupo muito maior: nossa escola e todos os artistas da Baixada Fluminense. Fomos o primeiro grupo dessa localidade a se apresentar na China com esse olhar sobre o território e sobre representatividade, levando uma peça preta para um espa-

ço majoritariamente elitista — e ocupar esse lugar tem um peso e significado enormes", o diretor reflete.

Rompendo a famosa estratégia narrativa chamada "jornada do herói", que costuma estar centrada em histórias que glorificam homens brancos e ricos, "A Jornada de um Herói" traz para o centro do palco o protagonismo de um homem negro, pobre, periférico e analfabeto, chamado José, magistralmente interpretado por Mateus Amorim, que também escreveu a peça. O personagem enfren-

A dramaturgia nasceu nas aulas que Álvaro teve com Camila Amado em 2018. A ela, o ator dedica o espetáculo. "Eram aulas com altas doses de filosofia, ilustradas por inigualáveis histórias de sua vida pessoal e artística. Me inspirei nas minhas memórias, distanciando o ator do autor, mantendo o frescor de uma história ficcional contada pela primeira vez. Toda vida, por mais aparentemente sem graça que pareça, pode dar uma bela história. Aí, se faz teatro", afirma.

Entre lapsos, ruídos e descobertas, o público é conduzido por lembranças embaralhadas de um performer que se confunde com o espectador. "Cobras, lagartos e minhocas" convida à escuta das contradições de um homem diante de questões estruturais, que muitas vezes parecem intransponíveis. O humor é a chave para adentrarmos nesse habitat de recordações e armadilhas", observa o diretor Cesar Augusto.

### SERVIÇO

#### COBRAS, LAGARTOS E MINHOCAS

Teatro III – Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (Rua Pimeiro de Março, 66 - Centro)

Até 21/4, de quartas a sábado (19h), domingo (18h) e segunda (19h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

ta diversas batalhas cotidianas, refletindo a realidade de muitos brasileiros que se veem à margem da sociedade, levantando a seguinte questão: "Quem são os verdadeiros heróis?". Através do solo narrativo, o espetáculo convida o público a refletir sobre questões urgentes da sociedade contemporânea, como o racismo estrutural, relações de trabalho abusivas e desigualdades sociais.

O espetáculo consolidou-se como um marco de representatividade e resistência. Mateus Amorim relembra o processo de criação e os impactos da peça: "Durante a pandemia, sentimos a necessidade de olhar para os trabalhadores e suas trajetórias — e assim nasceu a 'Jornada'. Foram muitas trocas, aprendizados, prêmios, tropeços e alegrias em fazer um espetáculo que levanta questões tão importantes. E o mais gratificante foi conseguir abordar temas tão sérios usando o humor como ferramenta, prezando sempre pela comunicação e o afeto com o público."

### SERVIÇO

#### A JORNADA DE UM HERÓI

Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 - Centro)

Até 30/4, às terças e quartas-feiras (19h)  
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

# A grandeza dos encontros

Texto inédito no Brasil, 'As Pequenas Coisas', do canadense Daniel MacIvor, estreia no Sesc Copacabana com direção de Inez Viana

As vidas de três mulheres de gerações diferentes se cruzam em "As Pequenas Coisas", peça inédita no Brasil escrita pelo dramaturgo canadense Daniel MacIvor, um dos autores mais celebrados da cena teatral contemporânea. Com direção de Inez Viana, o espetáculo estreia nesta quinta-feira (17) na Arena do Sesc Copacabana e traz à tona temas urgentes como solidão, identidade, envelhecimento e afeto, costurados por uma narrativa que combina acidez, sensibilidade e humor. O projeto é idealizado pelas atrizes Ana Carbatti e Liliane Rovaris, que dividem o palco com Adassa Martins.

A montagem marca mais uma incursão do teatro brasileiro na obra de MacIvor, cuja escrita tem ganhado espaço no país com textos como "In on It", "À Primeira Vista", "Cine Monstro" e "A Ponte". Agora, "As Pequenas Coisas" chega aos palcos em tradução de Ana Carbatti, como parte da trilogia "Try", composta ainda por "Communion" e "Was Spring". A peça mergulha nas relações femininas com profundidade e ironia, revelando como encontros aparentemente banais podem produzir transformações radicais no modo de ver a vida — e a si mesmo.

Na trama, Patricia (Ana Carbatti) é uma professora aposentada que se muda para uma pequena cidade e contrata Nice (Liliane Rovaris) como governanta. Vinda de origem simples, Nice é expansiva, fala demais e parece estar sempre invadindo o espaço da patroa. A convivência entre as duas é mediada por Bel (Adassa Martins), filha de Nice, jovem mãe de duas crianças, que lida com as dificuldades da maternidade solo e com

a possível transgeneridade de seu filho de oito anos. Aos poucos, os embates e silêncios entre essas mulheres vão se tornando pontes para o entendimento, revelando o que há de comum entre elas, mesmo quando tudo parece separá-las.

A peça aposta em uma encenação que realça a força das palavras e o talento das intérpretes. A direção de Inez Viana aposta na escuta, no tempo de cada personagem e no jogo cênico que transforma tensão em afeto. "O cruzamento de vidas pode se dar ao acaso, como se fosse inevitável escapar do destino. Ou podemos duvidar que esse cruzamento seja traçado pelo destino, e sim por nossa própria busca por novas perspectivas. Quando vidas se cruzam, como acontece em 'As Pequenas Coisas', valores são revistos e afetos nos transformam profundamente", afirma

a diretora.

A origem do projeto remonta à participação de Liliane Rovaris na montagem de "A Ponte", em 2018. Instigada pela força da escrita de MacIvor, ela buscou um novo texto para trabalhar ao lado da amiga e parceira artística Ana Carbatti. O encontro com a trilogia "Try" foi decisivo. "Essas peças têm o mes-

mo princípio: mulheres que vão se transformando à medida que vivem. Gosto muito do humor do texto. As três personagens são irônicas, e essa ironia nasce justamente da solidão que cada uma carrega. Elas usam isso como defesa e, ao mesmo tempo, como uma forma de aproximação", destaca Carbatti.

Outro destaque da montagem é a trilha sonora original, composta por Aline Gonçalves. Gravada por músicos cegos em parceria com o Instituto Benjamin Constant, a trilha contribui para a construção de uma atmosfera sensível e propõe uma escuta atenta ao que se oculta por trás dos gestos cotidianos. A sonoridade singular amplia o impacto emocional da peça e reafirma o compromisso da produção com a valorização da diversidade.

O espetáculo convida o público a refletir sobre os afetos que nos moldam e os encontros que nos transformam e lança luz sobre as invisibilidades do cotidiano numa celebração à potência reveladora do convívio.

## SERVIÇO

AS PEQUENAS COISAS  
Arena do Sesc Copacabana  
(Rua Domingos Ferreira, 160)  
De 17/4 a 11/5, de quinta a  
sábado (20h) e domingos (18h)  
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e  
R\$ 7,50 (associado Sesc)

*Liliane Rovaris, Ana Carbatti e Adassa Martins estão no elenco de 'As Pequenas Coisas', texto que faz a vida de mulheres de gerações diferentes se encontrem de alguma forma*





# A lógica secreta da paisagem

Exposição 'Natureza Fantástica' revela a força expressiva da artista Patrícia Fairon no Centro Cultural Correios RJ

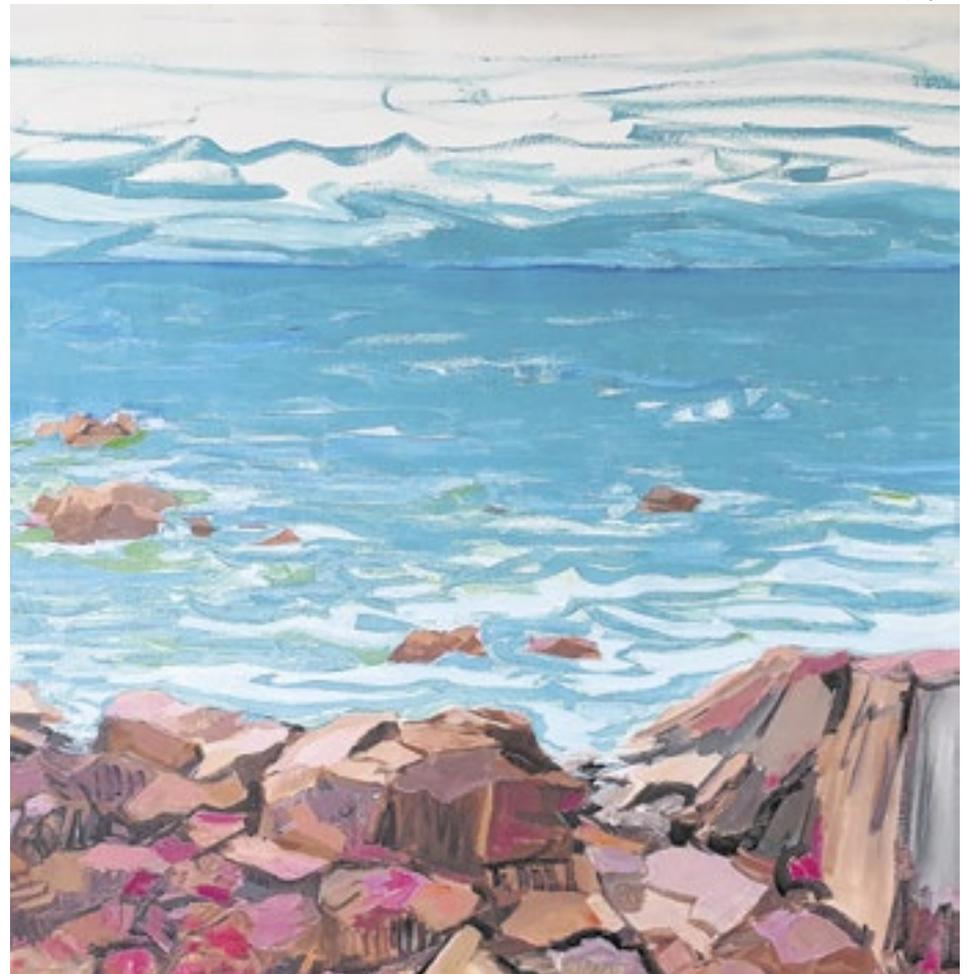
Por Affonso Nunes

**A** artista Patrícia Fairon apresenta no Centro Cultural Correios RJ a exposição "Natureza Fantástica", com curadoria de Marco Cavalcanti. A mostra reúne pinturas a óleo e acrílica sobre tela e papel, e propõe um mergulho em paisagens que transitam entre o real e o onírico, revelando a natureza em sua complexidade sensível.

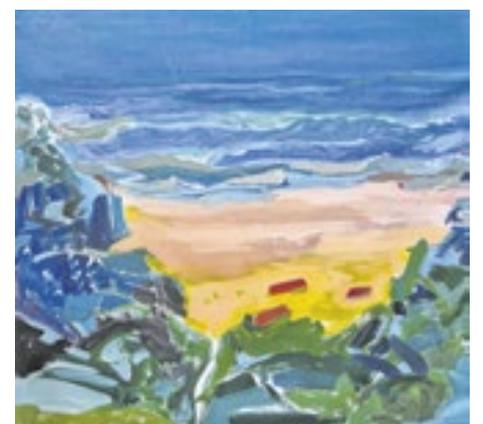
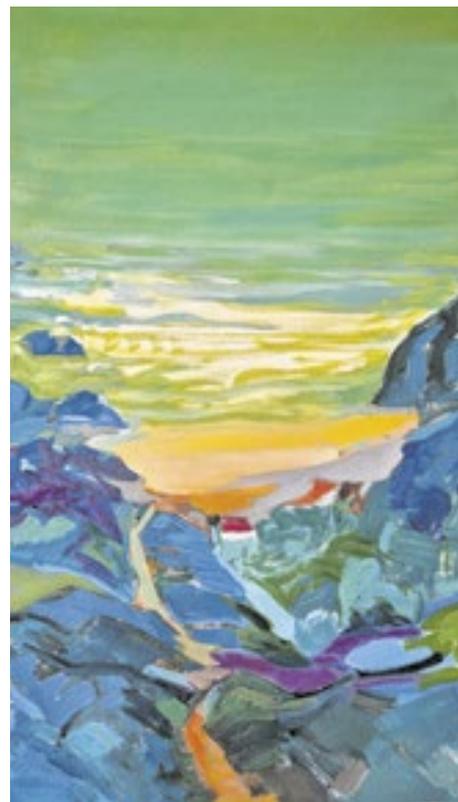
As obras revelam um universo em movimento, no qual formas aparentemente estáticas se desdobram em gestos vivos, traduzindo a constante mutação do mundo natural. Da serenidade à tempestade, da harmonia à inquietação, cada pincelada reflete o impacto emocional da paisagem no olhar da artista.

Entre abstrações e composições orgânicas, Fairon constrói um repertório visual em que cores e formas se organizam em uma lógica própria, guiada mais pela intuição do que pela razão. É nesse jogo entre ordem e caos que a artista encontra sua linguagem, evocando sensações e narrativas sem recorrer à figuração direta.

Radicada entre o Rio e Buenos Aires, Patrícia Fairon é gaúcha de Santa Cruz do Sul e possui formação artística em instituições



*A natureza impulsiona a artista a explorar formas, cores e abstrações, que contam histórias, falam de emoções e sentimentos*



argentinas como a Escola Prilidiano Pueyrredón e os estúdios Guillermo Roux, Gabriela Aberastury e Anna Rank. Apesar da influência técnica de seus mestres, construiu trajetória autoral, marcada por exposições individuais e coletivas no Brasil e na Argentina.

## SERVIÇO

NATUREZA FANTÁSTICA  
Centro Cultural Correios RJ  
De 17/4 a 7/6, de terça a sábado (12h às 19h)  
Entrada franca

